

## O DESABROCHAR DAS MULHERES “VELHAS” NA LITERATURA, NO CINEMA, NA TELEVISÃO E NA VIDA

Áurea da Silva PEREIRA (UNEB)<sup>1</sup>

### RESUMO:

Neste artigo pretende-se discutir a imagem do idoso na sociedade. Para tal discussão, apresentam-se reflexões teóricas acerca do envelhecimento tão presente na vida dos seres vivos. Na vida dos humanos esse fenômeno é encarado, por grande parte das mulheres e homens como algo que traz medo, desprezo e preconceito. Observa-se que a população idosa tem aumentado de forma significativa, sendo assim necessário um debate mais acirrado acerca do assunto. Partindo desta perspectiva, apresenta-se neste texto, imagens do idoso e da idosa na literatura, no cinema, na televisão e na vida real estabelecendo uma analogia com cinco mulheres idosas que vão para estudar nas salas de aula noturna do TOPA<sup>2</sup> (Todos pela Alfabetização) em comunidade rural do município de Inhambupe-BA.

**PALAVRAS-CHAVE:** Envelhecimento. Literatura. Cinema. Televisão. Mulher velha.

### ABSTRACT:

In this article we intend to discuss the old image in society. For this discussion, we present theoretical reflections about aging so present in the lives of living beings. In the lives of humans this phenomenon is seen by many women and men as something that brings fear, contempt and prejudice. It is observed that the elderly population has increased significantly, so need a more heated debate on the subject. From this perspective, it is presented in this text, images of the elderly and the elderly in literature, film, television and in real life by establishing an analogy with five elderly women who go to study in the night classrooms TOPA (All for Literacy) in a rural community in the municipality of Inhambupe – BA.

**KEYWORDS:** Aging, Literature, Movie theater, TV, Old woman.

### Considerações preliminares

#### A pele nova da mulher velha

Em tempos muito antigos, contam os avós Nambikwara, havia uma mulher muito velha. Alguns até diziam que ela teria mais de 165 anos de idade. Por ser assim tão velha, todo mundo havia se afastado dela. Dessa forma, a mulher vivia sozinha numa casa que ela mesma construiu usando a força de seus braços.

---

<sup>1</sup> Professora da UNEB, no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural.

Contato: [aureauneb@gmail.com](mailto:aureauneb@gmail.com)

<sup>2</sup> TOPA - Todos pela Alfabetização. Programa de Alfabetização implantado pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia em 2007.

Um dia, a mulher dormiu na *sixsú* e teve um sonho que a encheu de alegria e de vontade de viver: sonhou que havia voltado a ser nova. Em seu sonho ela estava lindíssima, toda enfeitada como colares, pulseiras, brincos; estava pintada com cores de urucum e do jenipapo; até mesmo um cocar ela usava.

Apenas uma coisa a deixava um pouco triste: ela não conseguia encontrar penas para fazer cocar.

Quando ela acordou, continuou achando que o sonho tinha sido uma mensagem que havia recebido do mundo dos espíritos e que ela podia voltar novamente a virar mocinha. Mas tinha problemas das penas. Como encontrá-las?

Foi então que ela descobriu que um rapaz de uma aldeia viria a passar noite em sua casa. Imaginou assim que seus problemas haviam sido resolvidos: ela pediria ao rapaz que fosse encontrar penas do pássaro tucano para si. E assim o fez.

Aquele rapaz, que também não gostava dela e sentia um certo receio da velha, não quis contrariá-la e foi para a mata atrás do pássaro.

Durante dois dias o jovem procurou, procurou, procurou, até encontrar o que lhe havia sido pedido. Flechou a ave e retornou a aldeia.

A mulher quando viu o moço chegando deu pulos de alegria e ficou muito feliz. Ficou tão emocionada e contente que fez um monte de enfeites. Colocou-os todos e pintou-se com as tintas da floresta e foi ao rio tomar banho.

Quando saiu dali tirou sua pele velha como se fosse roupa! Voltou a ter apenas quatorze anos de idade! Estava nova de novo! E muito bonita também. Estava tão bonita e elegante que pensou:

“Agora posso até arrumar alguém para namorar! Nova desse jeito, ninguém vai me recusar!”

Pensando assim, saiu do rio e pendurou sua pele antiga sobre o galho de uma árvore. Estava tão cheia de si, orgulhosa com sua nova condição que nem se deu conta de um grupo de meninos que por ela passou em direção ao rio. Quando lembrou, gritou de onde estava:

- Olhem aqui, meninos. Não vão mexer na roupa que deixei pendurada no galho da árvore. Pode ser muito perigoso para vocês!

As crianças, porém, não deram a mínima para o que aquela menina havia dito e, ao chegarem à beira do rio, viram aquela estranha peça pendurada. Não tiveram dúvidas: pensando a flechar a pele da velha. Eles flechavam e riam a valer. Fizeram tanto furo na pele que quase não sobrou nada.

A menina - que era a velha remoçada - desconfiou de tanta zombaria que foi ver o que estava acontecendo. Quando lá chegou, ficou desesperada com a desgraça que os meninos haviam feito em sua pele. Seu desespero foi tamanho que jurou a todos eles:

- Vocês fizeram algo muito ruim para mim. Por causa disso, todos vocês ficaram velhinhos como eu e também irão morrer.

E assim aconteceu.

A mulher, sem mais chance de permanecer jovem, vestiu a pele toda furada e também ela morreu.

Vendo que havia acontecido, ninguém quis ficar perto dela. Todos fugiram. Somente um ser da floresta ficou tomando conta do corpo da velha. Este ser foi a cobra, que, por seu gesto bondoso, recebeu o dom de mudar de pele sempre que as estações do ano mudam.(MUNDURUKU, Daniel, 2003, p.38 a 43).

Encontra-se em obras literárias imagens, marcas e estereótipos negativos e estigmas que denigrem o envelhecimento, a imagem do velho e da velha, como se a velhice fosse uma doença, como podemos observar no conto de Daniel Munduruku. O conto carregado de metáforas apresenta uma imagem da mulher velha como algo ruim, doente e feio. Porém, mostra também que a mulher velha é carregada de sabedoria e enigmas. Elas têm poderes, são encantadoras e carregam experiências.

A imagem negativa do envelhecimento já fora abordada por Beauvoir (1990, p.57), ao afirmar que:

Entre os esquimós, a deusa Nerwik é uma mulher muito velha que vive embaixo d' água, com os espíritos dos mortos; por vezes, ela se recusa a proteger os caçadores de focas, até que um xamã venha pentear sua cabeleira. Em outros lugares é uma velha mulher que controla os ventos.

Vê-se que a menina, que era a velha remoçada, deixou se enganar, mas percebendo o perigo reagiu e logo determinou que os meninos ficassem velhos e morressem. Ser velho parece ser um castigo. Por isso, muitos buscam táticas e estratégias para permanecer com aparência jovial, negando assim o envelhecimento que é um fenômeno natural aos humanos, a vida. Ao que parece, as crianças, os adolescentes e jovens pensam que a vida é eterna e por isso ficar velho e morrer se constitui como um preço pelo mal que se faz. Para muitos, a velhice ainda acarreta uma degradação e por isso as pessoas têm medo de ficar velho/velha. No caso das mulheres, a velhice fica mais evidente. Beauvoir (1990, p. 51) acentua que: “Ela contradiz o ideal viril ou feminino adotado pelos jovens e pelos adultos. A atitude espontânea é de recusá-la, uma vez que se define pela impotência, pela feiura, pela doença”.

Se uma voz literária encarrega-se de denegrir a imagem da velhice, por outro lado, a literatura também mostra de forma sutil os poderes que estão implícitos nas pessoas idosas. Temos como aliados nessa discussão: a literatura, o cinema e televisão; além de pesquisas e autores que discutem possibilidades de envelhecer bem.

### **Entre teóricos e literatura**

Acostumados às imagens da mídia de corpos perfeitos, rostos sem rugas e pele renovada, esquecem que envelhecem e morrem. Quando se nega a velhice, fugimos da história que construímos e carregamos em nosso corpo. O corpo é um texto que escrevemos nossa história. Nele inscrevemos e escrevemos as alegrias, os projetos, as decepções e as perspectivas. “Todas as inscrições que não morrem nem envelhecem situam-se em um tempo bem peculiar: o passado, o presente e futuro fazem determinados laços ou nós” (MUCIDA, 2009, p. 29).

Os seres vivos envelhecem, mas parece-me que, no caso dos humanos, ficar velho torna-se uma novidade, num país que até recentemente era visto como país do futuro - um país jovem. Conforme pesquisas, atualmente o Brasil passar a ser o sexto país do mundo em número de idosos, com um contingente superior a 30 milhões de pessoas. Envelhecer para alguns significa finitude. Trata-se, logo, de um acontecimento que traz para as pessoas ansiedade, angústia e até tristeza para alguns que tratam a velhice como uma doença; porém para outro rejuvenescimento, aprendizagem e ex-

periência. Tudo depende de como cada um encara a velhice. Vejamos como o personagem na narrativa abaixo compreende o processo de envelhecimento:

O tema da crônica daquele dia, é claro, eram os meus noventa anos. Nunca pensei na idade como se pensa numa goteira no teto que indica a quantidade de vida que vai nos restando. Era muito menino quando ouvi dizer que se uma pessoa morre os piolhos incubados no couro cabeludo escapam apavorados pelos travesseiros, para vergonha da família. Isso me impressionou tanto que tosei o coco para ir à escola, e até hoje lavo os escassos fiapos que me restam com sabão medicinal de cinza e ervas milagrosas. Quer dizer, me digo agora, que desde muito menino tive mais bem formado o sentido do pudor social que o da morte.

Fazia meses que tinha previsto que minha crônica de aniversário não seria o mesmo e martelado lamento pelos anos idos, mas o contrário: uma glorificação da velhice. Comecei a me perguntar quando tomei consciência de ser velho, e acho que foi pouco antes daquele. Aos quarenta anos havia acudido ao médico por causa de uma dor nas costas que me estorvava para respirar. Ele não deu importância: É uma dor natural da sua idade, falou:

- Então - disse eu -, o que não é natural é a minha idade.

O médico me deu um sorriso de lástima. Vejo que o senhor é um filósofo, disse ele. Foi a primeira que pensei na minha idade em termos de velhice, mas não tardei a esquecer do assunto. E me acostumei a despertar cada dia com uma dor diferente que ia mudando de lugar e forma, à medida que passavam os anos. Às vezes parecia ser uma garrotada da morte e no dia seguinte se esfumava. Nessa época ouvi dizer que o primeiro sintoma da velhice é quando a gente começa a se parecer com o próprio pai. Devo estar condenado à juventude eterna pensei então, porque meu perfil equino não se parecerá jamais ao caribenho cru que era meu pai, nem o romano imperial da minha mãe. A verdade é que as primeiras mudanças são tão lentas que mal se notam, e a gente continua se vendo por dentro como sempre foi, mas de fora os outros reparam. (MÁRQUEZ, 2010, p.12-13).

Percebe-se que para o personagem, a velhice se constitui numa aprendizagem cotidiana, por isso faz-se necessário compreender que o envelhecimento não é algo espiritual, e sim material, humano: é o corpo que envelhece, mas alma continua jovial. Para lidar bem com a velhice, aconselha o personagem: “A verdade é que as primeiras mudanças são tão lentas que mal se notam, e a gente continua se vendo por dentro como sempre foi, mas de fora os outros reparam” (MÁRQUEZ, 2010, p.13) Para alguns, a velhice chega quando começamos a sentir dores ou iniciamos o processo de esquecimento. Ora, todos nós ficamos doentes, sentimos dores e esquecemos. É óbvio que ao envelhecermos. Para Buksman (2012, p.125),

Sabemos que o tempo é impiedoso. Envelhecemos a partir do momento em que nascemos. No entanto, esse processo é extremamente heterogêneo, dependendo de inúmeras variáveis, como a genética e o modo de lidarmos com a vida. Ao longo dos anos, nossos genes podem ser ativados ou inibidos, de acordo com uma programação predeterminada, ocasionando uma série de doenças potencialmente fatais. Chamamos essa influência de genótipo. Em 1961, o médico Leonard Hayflick observou que nossas células possuem um número geneticamente limitado de divisões, em média 50 vezes, antes de morrerem. Considerando que a vida útil dessas células seria aproximadamente 18 meses, a raça humana teria uma expectativa média de vida de 75 anos. Essa é apenas uma das teorias do envelhecimento.

Atualmente, temos a gerontologia que estuda o processo de envelhecimento, assim como temos outras áreas da ciência que estudam pediatria, odontologia, ortopedia e

outras. Assim, aos idosos devem ser oferecidos todos os cuidados e benefícios para que possam envelhecer com qualidade de vida e autonomia e assim galgar de muitos anos de vida. Cada um envelhece desde o nascimento, ou seja, para envelhecer, basta nascer. Porém cada um envelhece no seu ritmo de vida e aos poucos aprendem como lidar com os órgãos que envelhece e por isso merece cuidado.

Conforme Agich (2008, p.23),

Autonomia e cuidado de longo prazo formam uma conjunção notavelmente paradoxal. Os indivíduos precisam de cuidado de longo prazo porque sofrem de doenças e incapacidades que comprometem sua capacidade de funcionar independentemente ou de escolher racionalmente. Não obstante, o conceito padrão de autonomia na bioética enfatiza os ideais da independência e livre escolha racional, ideias que parecem efêmeras diante do amplo leque de debilitações que fazem os indivíduos precisarem de cuidado de longo prazo. Sem dúvida tais indivíduos são vulneráveis e, portanto, podem beneficiar-se da proteção proporcionada por vários direitos derivados da autonomia, como a não interferência. O paradoxo é que o conceito de autonomia envolve uma visão das pessoas como robustas e independentes, ao passo que a realidade do cuidado de longo prazo exige indivíduos que precisam de apoio e companheirismo, necessidades que parecem antagônicas ao ideal.

Vê-se que a condição humana é sempre marcada por contradições, e para o sujeito que sempre teve autonomia e independência para tomar decisões, faz-se necessário no envelhecimento os cuidados com a saúde, corpo e mente. Com o aumento da proporção de idosos, isso exige da sociedade cuidados, formação política, cultural dos sujeitos que estão inseridos neste contexto. Se a sociedade que envelhece ainda não “acordou” para os novos padrões, urge a necessidade de aprender novos hábitos. Conforme dados divulgados pela TV e redes sociais com base no senso do IBGE (2010), o número de brasileiros acima de 65 anos deve quadruplicar em 2060. Isso confirma a previsão feita por demógrafos. A expectativa média de vida do brasileiro deve aumentar de 75 anos para 81 anos. E as mulheres continuarão vivendo mais que os homens.

As pesquisas apontam que há uma mudança significativa na população brasileira nas relações de gênero, pois se observa que a maioria da população brasileira é constituída por mulheres com 65 anos ou mais. Como acrescenta Bassit (2008, p. 121): “De acordo com os dados do IBGE (2000), 55% dos idosos são mulheres dentre as quais muitas vivem sozinhas e tem dificuldades para inserção no mercado formal que, na maioria dos casos, está relacionada a sua baixa escolaridade e a escassa experiência profissional”. Pesquisas realizadas por Bassit (2006a; 2008) com mulheres mostram que mulheres nascidas entre os anos 1926 e 1936 apresentam em suas histórias de vida maneiras diferentes de envelhecer e que os valores e comportamentos que adquiriram se relacionam ao contexto social e cultural de que essas mulheres viveram.

Uma pesquisa realizada por Pereira (2014), numa comunidade rural do interior da Bahia, evidencia narrativas de mulheres “velhas” vão aos espaços escolares na terceira idade. Atitudes dessa natureza perpassam por outras dimensões sociais, políticas e culturais, como lembra Motta (2012, p.84): “Se já é difícil encontrar uma história das mulheres, essas eternas prisioneiras da vida privada e do cotidiano, que dirá uma história das mulheres velhas!”. A pesquisa discute as táticas de letramentos que mulheres rurais, semianalfabetas e não escolarizadas utilizam no seu cotidiano para garantir seus espaços, e mesmo no silêncio, elas buscam suas táticas de sobrevivência numa comunidade rural patriarcal, não é fator primordial. Mas, o que se sabe é que inadvertidamente, a sociedade vem omitindo pesquisas sobre mulheres “velhas” do processo de participação social.

Recentemente, a Globo apresentou uma reportagem sobre envelhecimento nas classes média A e B, discutindo sobre idosos que viajam e tem uma renda que permite viagens, lazer e cuidados com a saúde, mente e corpo, por outro lado, temos uma população idosos das classes baixas, da periferia e das zonas rurais que não tem visibilidade social e passa por situações difíceis de sobrevivência. São pessoas que não frequentaram academia, tem uma renda baixíssima e poucos são escolarizados. Esses idosos têm direitos e devem ser respeitados. Muitos vivem isolados sem participação efetiva no seu grupo social. Por outro lado, encontramos idosos que mesmo vivendo em comunidades rurais e comunidades de baixa renda participam das atividades sociais e políticas da comunidade, assumem papéis de liderança na família, na igreja, no grupo de mulheres.

Percebe-se nas classes A e B, os idosos e as idosas aprenderem cedo a cuidar de si e a demarcar seu lugar no espaço onde vivem e frequentam, apesar de ainda vivermos preconceitos em ambientes sociais e no trabalho. Mas as mulheres “velhas”, como pontua a Prof.<sup>a</sup> Alda Motta, estão chegando, elas começam a aparecer, ganhando espaços, reivindicando direitos. De forma ainda muita tímida, as pesquisas tem anunciado dados sobre as mulheres que até nunca tiveram visibilidade social. Mas são mulheres que lutam, trabalham, educam filhos, netos e equilibram seus lares.

As mulheres idosas, avós de hoje, são aquelas que ficaram por muito tempo às margens da sociedade, trancafiadas em casa cuidando do marido, casa, dos filhos e netos, parte dessas mulheres foram silenciadas pela história. As outras mulheres idosas que se mantêm ativas e ainda no mercado de trabalho, foram aquelas que tiveram oportunidades de se sobressair no contexto social, cultural e intelectual; aquelas que driblaram o sistema e conseguiram alçar outros voos. Vimos como mulheres e homens idosos têm atuado no cinema e na TV.

### **O envelhecimento nas telas do cinema, televisão e vida real.**

Em 2011, estando em São Paulo, cursando o doutorado Sanduíche na FEUSP, assistia ao espetáculo - *Viver Sem Tempos Mortos* - monólogo, dirigido por Felipe Hirsch, que traz na interpretação da atriz Fernanda Montenegro a compilação do pensamento de Simone de Beauvoir. Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, mais conhecida como Simone de Beauvoir, foi filósofa, escritora e ensaísta Francesa, que com a sua forma de pensar revolucionou a visão do Feminino, a partir da sua obra *O segundo sexo*. Alguns dos seus escritos registram suas experiências em extensas obras autobiográficas, além da inquietação diante da velhice e da morte.

Ali, havia uma tentativa de traduzir o significado daquela ímpar experiência para a pesquisa que realizava no doutorado sobre trajetórias de vida de cinco mulheres idosas que retornavam aos bancos escolares do Programa de Alfabetização – TOPA. Naquele tomei para mim, na condição de pesquisadora, a vida daquelas colaboradoras. A peça me reportou por demais a pesquisa, pois enquanto assistia ao monólogo, pensava nas mulheres idosas, colaboradoras da pesquisa e em suas trajetórias de vida. Se por um lado, estava contente com espetáculo e o belíssimo texto interpretado pela atriz que possuía na época 82 anos; por outro lado, me entristecia porque as oportunidades são diferentes. Enquanto Fernanda Montenegro continua exercendo sua atividade profissional, outras vivem apenas com um salário mínimo. Isso mostra apenas a realidade de um país onde os sujeitos são vítimas do processo de desigualdade racial. Infelizmente esse privilégio de ser reconhecido na sociedade não é para todos idosos idosas, pois credibilidade e o privilégio estão atrelados, em muitos casos, à cultural, ao grupo social e ao intelecto.

As idosas, protagonistas da pesquisa, rememoram suas histórias de vida, ao mesmo tempo se reinventam em suas narrativas para entender como elas foram se con-



stituindo mulher numa comunidade rural, patriarcal carregada de preconceitos e como cada uma se reconhece no seu percurso de vida. É uma relação ambígua mulher, idosa, doméstica, trabalhadora rural, mãe, avó e esposa. Há integração do sujeito que pesquisa que se percebe na pesquisa, mas que precisa afastar-se do objeto para ter outro olhar. Sobre narrativas e o protagonismo, Ricoeur (2006, p. 90) afirma que:

A famosa narrativa do retorno de Ulisses a Ítaca é sem sombra de dúvida uma narrativa do reconhecimento cujo herói é ao mesmo tempo o protagonista e o beneficiário. É correto dizer que ele se faz reconhecer por outros parceiros segundo uma gradação sabiamente orquestrada e uma arte do retardamento muitas vezes comentada pelos críticos.

Pode-se reconhecer através de outro, sem viver a experiência de vida do outro. Neste caso, o pesquisador pode refletir as experiências empíricas que os sujeitos viveram. Pode-se então que considerar que se pode apropriar da narrativa do outro para reconhecer-se e revisitar-se. Ao assistir à peça de teatro ou um filme, novela, o sujeito se reconhece através de atitudes e disfarces narrados, como é o caso da peça de teatro *Viver Sem Tempos Mortos*, um monólogo que Fernanda Montenegro interpreta Simone Beauvoir. Pode-se então afirmar que as narrativas da escritora se constituem como narrativas de reconhecimento à medida que a atriz toma para si e se reconhece na personagem escritora que viveu todas aquelas experiências (re)narradas por Montenegro.

Outra leitura que ajudou a repensar o envelhecimento, associando às colaboradoras da pesquisa foi a peça teatral *Ensina-me a viver* baseada no filme que se chama *Harold and Maude*, traduzido em português para *Ensina-me a Viver*, publicado em 1971, dirigido por Hal Ashby, que tem como atores principais Bud Cort, no papel de Harold, e Ruth Gordon, como Maude, indicados para melhor ator e atriz em comédia no 29º Golden Globe Awards. Na peça teatral, Maude é interpretado pela atriz Glória Menezes e *Harold é interpretado por* Arlindo Lopes.

Harold tem 19 anos, órfão de pai, sua mãe é controladora ao extremo, tem um tio que trabalha no exército. Ele pertence a uma família americana rica e tradicional. Faz análise, é católico e já tentou o suicídio quinze vezes. Como diversão, vai a funerais e até dirige um carro funerário. Faz tudo isso para chamar a atenção da mãe, que é um *socialite* fútil, mas só consegue fazê-la reagir com impaciência ou indiferença. Harold é parte de uma sociedade onde viver existencialmente não tem muito significado.

Maude é uma senhora de 79 anos, austríaca, sobrevivente de um campo de concentração, viúva, que mora atualmente na América e adora funerais. Para ela 80 anos é a idade ideal para morrer – 75 é ainda muito jovem e 85 é perda de tempo. Acredita que a vida deve ser vivida dia a dia por inteiro, sem restrições, sem tristezas. Vive uma vida cheia de significado e faz suas escolhas deliberadamente.

O casal se encontra em um funeral e partir daí nasce uma amizade importante: ela o ensina a apreciar a vida e a ser liberto, a usar o tempo para fazer o melhor para si, o prazer da música e de cantar, a tocar banjo, a apreciar a arte. Enquanto isto, sua mãe o coloca em um programa nacional para arranjar-lhe uma noiva. Com o tempo, ele fica mais próximo de Maude e deseja casar-se com ela. Prepara uma festa surpresa para o aniversário dela e pretende pedir-lhe em casamento. Mas, enquanto eles dançam, ela avisa que tomou uma overdose de pílulas e que, por volta de meia noite, estará morta, confirmando assim que 80 anos é a idade ideal para morrer.

O filme provoca reflexões sobre o descaso da família e da sociedade em relação ao idoso, por outro lado, sente-se que mesmo com esse descaso, encontram-se mulheres velhas ou idosas (como queiram chamá-las) nas salas de aula do TOPA em busca de espaço para aprendizagem. Essas idosas, assim como Maude, fizeram suas escolhas,

criando estratégias de viver intensamente a vida enquanto há tempo para ensinar à sociedade atitudes e decisões que podem mudar vidas.

### Considerações finais

Entre ficção e realidade, Fernanda Montenegro e Glória de Menezes, em lugares diferentes têm algo em comum com as cinco mulheres, protagonistas da pesquisa, ensinam a sociedade como viver, o envelhecimento com longevidade, através de atitudes e projetos de vida.

Na peça teatral e filme *Ensina-me a viver*, Maude faz suas escolhas sem pensar muito nas consequências, pois é uma tática que encontrou para exercer sua autonomia. As pessoas não creditavam suas falas e nem suas atitudes devido à idade Maude, que para sociedade já estava avançada e por isso deveria ser internada. Ela, por sua vez, estava preocupada em viver a vida e dar grandes ensinamentos ao jovem Harold. As mulheres idosas de Saquinho, assim como Maude, não querem pensar no tempo que lhes resta para viver, mas viver intensamente o tempo, interagindo com os colegas de classe e aproveitando cada momento como se fosse único. Isso é notório em suas narrativas, quando afirmam que nas salas de aula se sentem como crianças e adolescentes, querem conversar, sorrir e brincar.

Na pesquisa, as mulheres idosas da zona rural ensinam às crianças, adolescentes, jovens e adultos como ser resiliente e persistente nos propósitos de vida. Na velhice, cinco mulheres retomam aos estudos e negociam os espaços no TOPA. Ali, elas se inscrevem numa outra dimensão social que é a inscrição numa cultura letrada, uma cultura do empoderamento social e político. Das cinco mulheres, apenas uma delas, a mais jovem, pois já tinha experiência escolar, sabia ler e escrever. Elas reescrevem suas histórias, mostrando a importância que a velhice assume na vida de cada uma, como afirma Mucida (2009, p.28): “A velhice como uma escrita, escritura, marca, rasura, entrelaçase a toda forma de escrita, seja ela literária, poética, artística, musical, cinematográfica... pois todas tangem o desejo e a falta; algo escapa aquele que escreve”.

Assim como a escrita vai tentando encontrar seu lugar no papel entre marcas, contextos e situações vividas pelos atores da vida, a personagens da literatura, do cinema e filme, bem como as mulheres idosas de grupos sociais diversos desenham e reescrevem modos de envelhecer ensinando outros, o que é viver humanamente. As mulheres da pesquisam se inscrevem e escrevem suas narrativas, mostrando como se pode empoderar ao mesmo tempo em que é preciso buscar estratégias para demarcar seus espaços na família, na sala de aula e comunidade. E como conclui Mucida (2009, p. 28): “Não há como se apoderar de todas as letras, mas escapando, ela está, entretanto, incrustada no mais íntimo de cada sujeito como um ‘insabido’, algo que sempre esteve ali pronto a se tornar saber ou ser reconhecido”. Às vezes, “tão perto, e tão longe, eis o destino irremediável da velhice, tornando-a estranha e familiar” (MUCIDA, 2009, p.28).

### REFERÊNCIAS

AGICH, George. **Dep e ndência e autonomia na velhice**: um modelo ético para o cuidado de longo prazo. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Loyola; Centro Universitário São Camilo, 2008.

BASSIT, Ana Zahira. Na condição de mulher: a maturidade feminina. In: PY, Lígia [et. al.] (Orgs.). **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. 2ª. edição. Halambra, Editora Setembro, 2006.



BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BUKSMAN, Rodrigo. Atrasando o relógio biológico. In: BRASIL, Cristiane. (Org.) **Viver é a melhor opção: envelhecer... faz parte**. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

MARQUEZ, Gabriel García. **Memória de minhas putas tristes**. Tradução Eric Nepomuceno. 22 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PEREIRA, Áurea da S. **Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho**. 2014. Tese. (Doutorado em Educação e Contemporaneidade), Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

RICOEUR, Paul. **Percursos do reconhecimento**. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006.

**Viver Sem Tempos Mortos**. Texto: correspondências de Simone de Beauvoir organizadas por Fernanda Montenegro. Direção: Felipe Hirsch. Direção de arte: Daniela Thomas. Iluminação: Beto Bruel. Seleção Musical: Fernanda Montenegro. Dramaturgia: Fernanda Montenegro Pesquisa e compilação: Newton Goldman. Direção de Produção: Carmen Mello. Assistente de Produção: Letícia Santos. Técnico de som e luz: Fabio Santana. Controller: Ricardo Rodrigues.

**Ensina-me a viver**. Direção e Adaptação: João Falcão. Texto: Collin Higgins. Tradução: Millôr Fernandes. Elenco: Glória Menezes e Arlindo Lopes, Glória Menezes e Arlindo Lopes, Ilana Kaplan, Antonio Fragoso, Elisa Pinheiro. Cenografia: Sérgio Marimba/Figurino: Kika Lopes. Iluminação: Renato Machado / Trilha Sonora: Rodrigo Penna. Assistente Direção e Direção de movimentos: Duda Maia. Produção Executiva e Administração do Espetáculo: Luciano Marcelo. Direção de Produção: Maria Siman.